

AMÍLCAR CABRAL E AS SUAS VIDAS PÓSTUMAS

POR JOSÉ NEVES E LEONOR PIRES MARTINS (COMISSÁRIOS CIENTÍFICOS DA EXPOSIÇÃO)

ao longo das últimas décadas, o sentido da vida de Amílcar Cabral foi alvo de inúmeras interpretações e de diversos usos. Sobre ele foram produzidas várias biografias e investigações, ao passo que outros se inspiraram na sua vida para animarem projetos de poder ou de resistência política. A vida de Cabral tem sido, ainda, matéria de criação artística, do cinema à música. Esta exposição é, também ela, um modo de usar Amílcar Cabral, com o Estado português a fazer dele um motivo de comemoração histórica.

No Portugal contemporâneo, o passado imperial do país tem sido celebrado com pompa e circunstância. Desta vez, porém, trata-se de festejar o fim do império, fazendo jus ao 25 de abril de 1974, assim como ao princípio de acordo com o qual «não pode ser livre um povo que oprime outros povos». Por comungarmos deste princípio, aceitámos assumir a direção científica desta iniciativa. Amílcar Cabral contribuiu de forma singular para uma das revoluções mais importantes dos últimos séculos e do nosso presente: a libertação dos povos africanos do domínio colonial europeu. Por este seu contributo há quem o admire e haverá quem o deprecie. Nós tomamos o partido dos primeiros.

Mas a nossa admiração por Cabral não foi a principal razão por que aceitámos organizar esta exposição. Essa foi a curiosidade historiográfica que a sua figura nos desperta. Uma curiosidade estimulada pela descoberta de novos elementos da trajetória de Cabral, mas, sobretudo, pela variedade de interpretações e representações a que a sua vida tem vindo a ser sujeita. Esta é, na verdade, uma exposição sobre o

passado de Amílcar Cabral, mas também sobre quem fez e continua a fazer sentido desse passado. Se nos permitem um palavrão, é uma exposição meta-biográfica.

Cada uma das peças expostas leva-nos a momentos e lugares da vida de Cabral, mas também indicia o tempo, o espaço e a experiência de quem o conheceu, vigiou, admirou, filmou, retratou ou cantou. Cabral está omnipresente nesta exposição que leva o seu nome no título, mas muitas das 50 peças que exibimos têm protagonistas próprios, da fotógrafa italiana Bruna Polimeni ao músico angolano David Zé, passando pelo líder ganês Kwame Nkrumah.

Nas páginas que se seguem, o leitor encontrará, antes de mais, os textos que o visitante da exposição pode ler nas mesas e paredes das salas do Palácio Baldaya. Depois, na secção *Peça a Peça*, apresentamos um conjunto mais numeroso de breves textos que têm em comum o facto de interpelarem ou serem interrogados por uma ou mais das 50 peças exibidas. Estes textos — a que a ideia de apontamentos não assenta mal — acrescentam informação sobre certos aspetos do percurso de Cabral e do PAIGC, ao mesmo tempo que encaminham o leitor para enredos tão diversos como os do cinema cubano, da política externa finlandesa ou das inovações militares soviéticas.

À exceção dos dois textos escritos por Alfredo Caldeira e por Aurora Almada e Santos — a quem muito agradecemos a colaboração — e das notas de abertura de Pedro Adão e Silva e de Maria Inácia Rezola, a quem agradecemos o convite para sermos comissários científicos deste evento, este catálogo foi redigido por nós. E, se muito ficámos a dever a estudos desenvolvidos por outros autores, a responsabilidade por eventuais erros e omissões é inteiramente nossa.